

Os Montes Alentejanos: uma sábia aliança com a paisagem

Paula Maria Simões

RESUMO

1

Aparentemente silenciosos e solitários, à escala da extensa paisagem do Alentejo, os montes alentejanos materializam-se e distribuem-se precisamente onde são essenciais ao pulsar da própria paisagem. Em lugares de assentamento sabiamente escolhidos, criam sítios de habitar, conservam-se e vão-se adaptando ciclicamente, às transformações sociais, políticas, económicas, que vão humanizando a estrutura biofísica onde nasceram.

Testados ao longo da história pelas maiores adversidades – veja-se a temporalidade radical imposta pela Lei da Fome que recentemente arrasou a paisagem - os montes somam, permanentemente, novos significados e reforçam a estrutura da paisagem porque na sua plasticidade se metamorfosem, reorganizam e superam as expectativas de adaptabilidade – ecológicas, sociais, culturais. E é porque na sua essência gozam desse carácter evolutivo que são atemporais e perpetuam a memória e o desenho da paisagem.

Porque estabelecem vínculos entre a memória e o lugar são, na história e na memória, no espaço e ao longo do tempo, instrumentos de conhecimento e comunicação entre os diferentes registos da paisagem.

Os Montes Alentejanos, estabelecem num lugar real a ideia de paisagem numa multitemporalidade vernacular e única. E nessa sábia aliança em que guardam a paisagem, suportam e enriquecem a memória do Alentejo.

Os Montes Alentejanos: uma sábia aliança com a paisagem

Paula Maria Simões | *Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA) - Universidade de Évora* | pmss@uevora.pt

2

Paula Maria Simões – Arquiteta Paisagista e Professora Auxiliar na Universidade de Évora. Com Licenciatura em Arquitetura Paisagista (U.Évora), Mestrado em Antropologia – Património e Identidades (ISCTE) e Doutoramento em Artes e Técnicas da Paisagem (U.Évora), os seus interesses de investigação centram-se nos temas do projeto da paisagem, no processo de transformação da paisagem e na paisagem enquanto sistema. É membro do centro de investigação CHAIA. Leciona ao 1º e 2º ciclo de Arquitetura Paisagista, em teoria e Projeto com especial dedicação às componentes de conceção, construção e pormenorização do projeto. Desde 2000 é sócia-gerente da empresa *Sítio e Lugar, Sociedade de Arquitetos Paisagistas, Lda* onde assume a coautoria de vários projetos de arquitetura paisagista, planos de ordenamento da paisagem, estudos de avaliação de impacte ambiental, coordenação e fiscalização de obra. A atribuição de vários prémios e a participação em diversos concursos e exposições tem distinguido os trabalhos do atelier a nível nacional e internacional.

PALAVRAS-CHAVE: **paisagem, memória, Alentejo, sítios de habitar**

1. Introdução

Silenciosos e solitários, os Montes Alentejanos são, na verdade, as âncoras que nos permitem entender a paisagem latifundiária do Alentejo. Foi a partir deles, num longo processo de transformação associado à atividade agrária e agrícola, que o homem desenhou aquela paisagem e foi neles que, perante as maiores adversidades, se perpetuou o desenho dessa paisagem.

Os Montes são o motor social da paisagem, representam uma construção coletiva que alimenta a modificação suave e equilibrada do dia-a-dia da paisagem. Reproduzem, no tempo e no espaço, cada padrão económico que a partir deles pulsou e materializam as permanências e as transformações da morfologia do Alentejo desde tempos ancestrais.

Pela sua essência os montes resistiram às temporalidades que a história lhes impôs e superaram todas as expectativas de adaptabilidade – ecológicas, sociais, culturais e,

quando necessário, transmutaram-se – usufruindo de uma plasticidade excepcional resignificam a paisagem para proteger a sua identidade. Ao longo da história da paisagem do Alentejo os montes absorveram os lugares das vilas, das *Domus fortis*, das *villae* ou dos Conventos e metamorfosearam-se, criando uma nova tipomorfologia, perante uma avassalante paisagem do trigo.

3

Atualmente, os interesses de ordem económico-financeira e política mudam e transformam a paisagem de forma impactante e veloz. Temos assistido à degradação de muitos destes valores patrimoniais pelo que podemos estar perante o apagamento da memória da paisagem do Alentejo. Mas se é verdade que hoje já não representam o poder que outrora os fundou, ainda governam a estrutura da paisagem e comandam a atividade agrícola sendo, mais recentemente, assumidos também como polarizadores da atividade turística que mexe no Alentejo.

A intensidade e a escala de abrangência das novas realidades que atualmente ocorrem na paisagem rural do Alentejo pode vir a provocar a desagregação de partes que até aqui funcionavam como um todo: a escala da herdade e a escala do Monte Alentejano (coração da propriedade) pelo que é essencial que se reconheça o seu valor como referência identitária e elemento de singularidade da paisagem e neles se polarizem as novas materialidades da paisagem perpetuando a sábia aliança com a paisagem que estes símbolos testemunham.

1.1

Capítulo 1

1.1

1. – Sítios de Habitar | Uma sábia aliança com a paisagem

A Arquitetura Popular do alentejo é também paisagem cultural. A sua ligação à terra, com geometrias fortemente horizontalizadas, num aconchego termo e silencioso faz dela e da envolvente uma exaltação poética. A sua serenidade e limpidez, torna-a etérea, quase cósmica. É profundamente solitária estando todavia acompanhada. A sua riqueza é a sua singeleza, não haverá mais expressão arquitectónica em que o quase nada em termos formais possa representar tanto. Estas meias metáforas são paradigma para a sua narração enquanto obra arquitectónica de Mestres anónimos.

Sendo na materialidade do monte e na sua pequena escala que a paisagem se estabelece é fundamental perceber o que ocorreu ao longo da história da paisagem, nesse vínculo físico que se estabelece com o lugar numa horizontalidade ímpar.

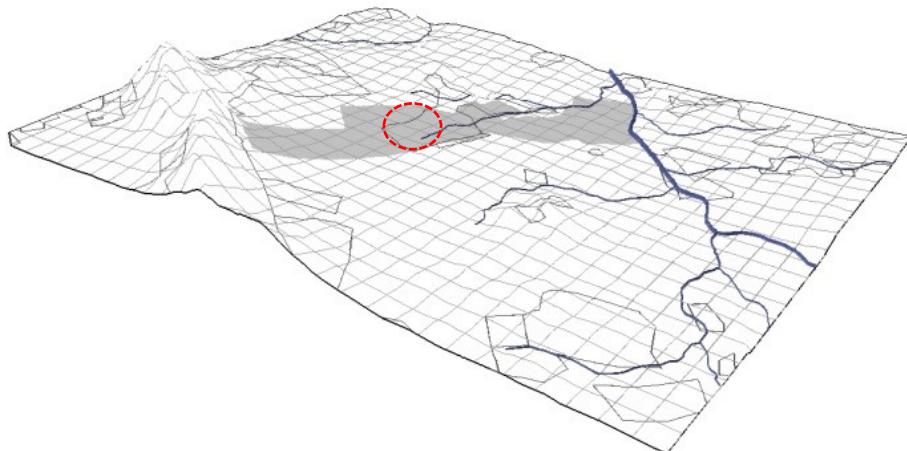
O Monte alentejano, ou lugar de assentamento, enquanto elemento de engenharia agrária inclui diversas estruturas¹ e baseia-se numa arquitetura da terra que explora os materiais de construção locais; ele é parte integrante da herdade e o elemento essencial que explica a reprodução da força social do trabalho num vínculo único que se fundamenta física, biológica e existencialmente. Não foi aleatoriedade a escolha do sítio para o seu assentamento e o seu volume facilmente se dissolve nas linhas físicas e geográficas da paisagem, pelo que facilmente se perde na fugacidade de um olhar e, à escala da extensa paisagem, parece inócuo, quase ‘invisível’.

Na escolha do *topus* foram sabiamente exploradas as componentes de base ecológica e natural da paisagem. As condições bioclimáticas gerais e locais, os microclimas, a presença de cursos de água e a exposição solar (radiação e orientação ao sol nascente), a morfologia e a natureza litológica², foram aspectos óbvios a condicionar a escolha do sítio onde habitar.

O relevo e a orientação são essenciais na escolha do lugar e a água é também um requisito fundamental porque o afastamento dos núcleos urbanos pressupõe uma independência relativamente a este recurso. A proximidade de uma linha de água ou a facilidade de captação de água no subsolo é o garante de vida no monte e por isso uma característica que se evidencia nos montes que visitámos. São disso exemplo a localização da habitação do Monte Branco da Serra (ver fig. 1) e do Solar de Água de Peixes (ver fig.2)

¹ Que ocorrem isoladas ou agrupadas estão associadas à atividade agrícola, florestal e pastoril. Foram inúmeros os estudos realizados a propósito da caracterização da arquitetura vernacular alentejana por nomes sobejamente conhecidos entre arquitetos, etnólogos e historiadores.

² A natureza da matéria-prima disponível é determinada pela natureza litológica da paisagem.



5

Figura 1 – Importância da água na definição do lugar de implantação do Monte Branco da Serra.
Proximidade do lugar de assentamento a um afluente da bacia da Ribeira de Toutalga.

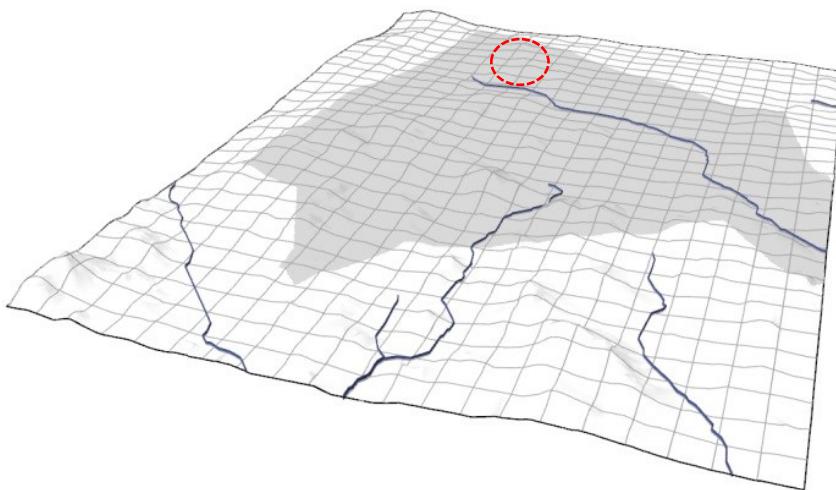


Figura 2 – Importância da água na definição do lugar de implantação do Solar de Água de Peixes.
Proximidade do lugar de assentamento a um dos afluentes da bacia da Ribeira de Odivelas.

Algumas manchas de vegetação arbórea, galerias ripícolas ou manchas da cobertura agrícola e florestal, enriquecerem cromaticamente a paisagem, recortam a agreste e seca peneplanície do Alentejo e acrescentam outros valores. A natureza dos solos, a sua capacidade e riqueza garantiam as terras de subsistência e a diversidade policultural que aquela unidade carecia.

Os ventos dominantes, a luz e a exposição foram também fatores fundamentais para a seleção do local de implantação do monte; na maior parte deles eram sabiamente exploradas as orientações Norte-Sul e Este-oeste, dando voz às raízes da cultura

mediterrânea. Os montes edificam-se, tendencialmente, em suaves cabeços, próximo da zona de cumeada ou mesmo no alto da colina ficando ‘cercados’ pelas vertentes de pendente acentuada (Pinto, 2007). São pontos de fácil acessibilidade suficientemente afastados da sua envolvente. Escolhem a zona aplanada de um festo para conseguirem vigiar a propriedade e “*dominar a planície imensa*”³ até ao horizonte longínquo.

6

Vacas (2000) fala-nos do monte - ligado às herdades e explorações agrícolas - comentando que a herdade⁴ é comandada a partir dele; diz o autor que é do monte que *partem as ordens que hão-de ser executadas nos campos*⁵. São unidades de exploração consideradas indivisíveis (Silbert 1978). São as estruturas espaciais, sociais e ideológicas que definem uma unidade social e que fundamentam uma mesma unidade paisagística, são *elemento identitário e fundador da morfologia actual do restante território*⁶. Eles foram, são e serão, a base do equilíbrio da paisagem do Alentejo porque têm em si a capacidade de absorver as entropias, gerar energias e dar continuidade aos ciclos da sociedade, do trabalho, da sazonalidade e da evolução e dinâmica da(s) paisagem(ns).

Como se de uma aldeia ou cidade se tratasse⁷ a herdade pode ser lida como uma unidade territorial e no núcleo edificado, o monte, que se polariza toda a ação e centralizam todos os recursos necessários à sua auto-subsistência. O espaço edificado é articulador dos usos e de todo o trabalho do campo que constrói a paisagem ao longo de todo o ciclo anual e polariza uma centralidade em direção ao limite da herdade, define um padrão de organização ideológica com base nas ocupações agrícolas. (ver fig. 3) Esse padrão exprime um gradiente de escala/dimensão que varia de acordo com a natureza e intensidade de uso do solo. (vide fig. 4)

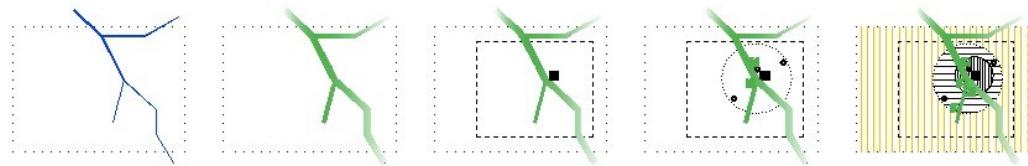
³ Capela e Silva, A. (2007). Memórias Alentejanas. (2007). M. Lança (Ed.). *Olhar o monte alentejano a pretexto do Alqueva*. (p. 31) Beja: Edia/Museu da Luz

⁴ Vacas, 2000, prefácio.

⁵ Vacas, 2000, p. 21.

⁶ Teles, S. (2013). *Habitar a paisagem alentejana – a particularidade do monte*. Dissertação apresentada à Universidade de Évora para obtenção de Mestrado Integrado em Arquitectura. Évora. Portugal.

⁷ “... a lavradora (...) vivia absolutamente ligada ao monte, onde se achava concentrado tudo o que se desprendia da planície de sequeiro. (...) O mundo exterior, para ela, era quase de todo indiferente.” Capela e Silva, A. (2007). Memórias Alentejanas. (2007). M. Lança (Ed.). *Olhar o monte alentejano a pretexto do Alqueva*. (pp. 30-31) Beja: Edia/Museu da Luz



7

Figura 3 – relação do espaço edificado com a paisagem e com o padrão de práticas agrícolas.

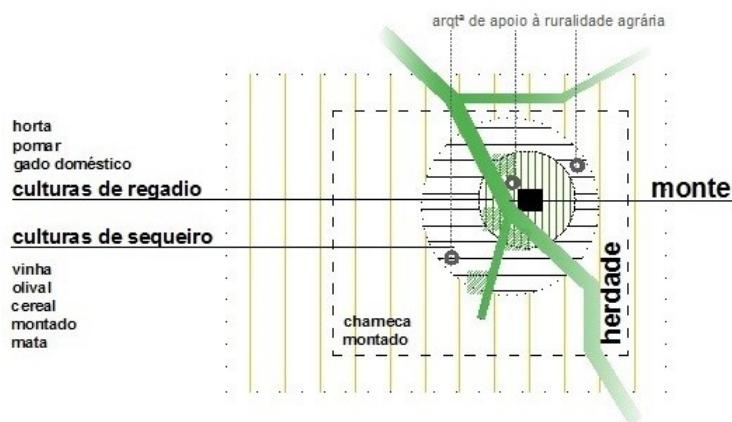


Figura 4 – Organização ideológica do monte. Padrão de práticas agrícolas (identificação esquemática dos usos do solo)

Essa organização é representativa da economia da paisagem rural e, quando em equilíbrio, representa um sistema proporcional de relação do homem com a paisagem do Alentejo. O Monte constitui, por isso, o lugar real que permite e garante a alteração das referências (componentes culturais) da paisagem. Nele, ou na sua proximidade, estão sedeadas as habitações permanentes e secundárias bem como todas as restantes instalações essenciais à existência de vida humana.⁸

Percorrendo as componentes morfológicas da paisagem, não duvidamos que a seleção sábia e empírica da singularidade do lugar de assentamento de cada monte, foi definida a partir de uma inter-relação delicada e única entre os sistemas naturais e, é por isso, que eles são uma continuidade visual dessa estrutura morfológica. E é fácil entender que as particularidades das componentes de base ecológica determinaram o espaço de habitar e

⁸ Verifica-se atualmente que alguns elementos e estruturas tão necessárias a anteriores temporalidades caíram em desuso e se têm perdido em ruínas pela paisagem. Outras vão sendo adicionadas à medida que o monte se propõe rejuvenescer em novos usos.

condicionaram o modo como o homem com elas interagiu desenvolvendo práticas que transformaram a paisagem de forma equilibrada e, como tal, multifuncional.⁹

Aquelas estruturas aprisionam um espaço de habitar; prendem um pedaço da paisagem e transformam-no em lugar. Criam, para cada um, uma espacialidade única na imensidão da planície que controlam. Os montes são ricos até na diversidade das ‘paisagens’ que encerram em si mesmos: a do lugar de assentamento, enquanto construção física, e a da herdade.

8

No Alentejo, a distribuição espacial e relacional dos montes entre si, as suas ocorrências, respondem a uma dinâmica interna característica da realidade histórica, económica e social a que se somam permanentemente novos significados. Entre hectares e hectares raramente é encontrada uma casa, *fora do círculo dos montes e das herdades para lá dos campos de cultura, reina a solidão enorme*¹⁰.

Nesta interpretação da importância do monte na paisagem acresce à sábia gestão das componentes biofísicas, as componentes de base cultural, sócio afetiva e histórica.

Independentemente da complexidade da herdade, da categoria social do lavrador e em que regime é lavrada qualquer extensão notável de terra, o monte alentejano *tem um peso considerável na vida da província*. (Silbert, 1978, p. 763) Esta consciência expressa-a também Severim de Faria (2003), quando no séc. XVII já refere a importância do latifúndio como freio do desenvolvimento económico do país. Também Silva (1950) opina: foi sob o “*Sol ardente*” que na “*terra mater, pobre e abandonada*” as “*brenhas*” foram rasgadas por “*clareiras de verdura*”, foram povoadas e polvilhadas por “*clareiras de cultivo*”, “*hortejos*”, “*quinchosos*” e terras de pão. Com o passar do tempo talham-se “*as herdades*” e “*surgem os alvos montes, raleirões e austeros, com seus fumos de vida, e de domínio, e de desigualdades. (...) e alastram os montes*”. “*Os materiais desses*

⁹ Cancela d’Abreu *et. al.* (2004) defende que o monte alentejano, contribuiu, indubitavelmente, enquanto elemento de origem antrópica *para o padrão que caracteriza a paisagem e a distingue das envolventes*. Cancela d’Abreu A., Pinto Correia T., & Oliveira R. (2004). *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal Continental* (Vol. 1). (p.31). Lisboa: Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano (DGOTDU).

¹⁰ Através da leitura/interpretação e comparação das ‘características’ que se repetem na implantação das estruturas, somando os dados históricos, etnográficos e arqueológicos da paisagem tentámos reconstruir qual o padrão de ocupação que pautava o assentamento daquelas estruturas na paisagem.

(montes) que se erguiam em toda a planície transtagana foram argamassados” demonstrando a “grandeza da vida agrícola alentejana. (Silva, 1950, pp. 15-16).

O monte guarda identidades nas sucessivas (tempo) metamorfoses (forma) que aceitou adicionar. Defendemos que ele se torna intemporal e que, por isso, permanecem na memória coletiva.¹¹ São exemplares relevantes para o património arquitetónico cultural e testemunham uma sabedoria secular.

9

1. Novos significados | A intemporalidade do Monte Alentejano

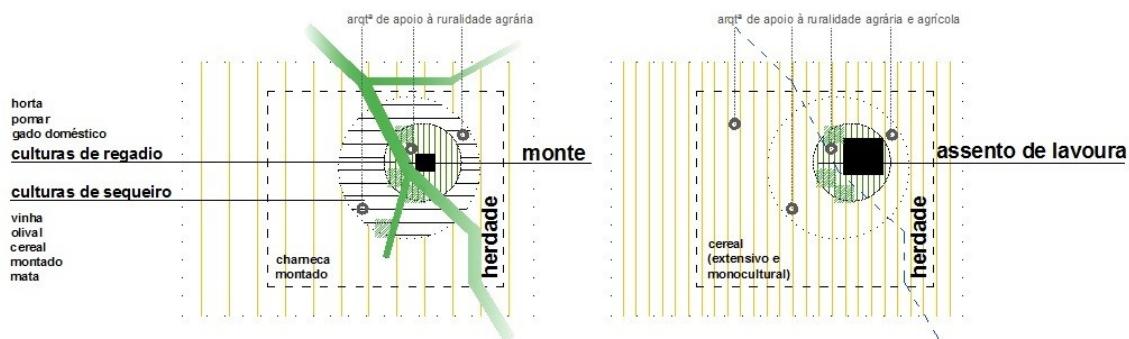
Quando a história económica, social, e cultural marcou, decisivamente a paisagem do Alentejo no séc. XIX, incitou a transformação dos montes em assentos de lavoura de forma a que estes se pudessem assumir como o coração das herdades do trigo que emergiam. Por intermédio de uma transformação agrícola a imagem do Celeiro de Portugal veio redesenhar uma nova realidade para a paisagem do Alentejo. E essa foi uma transformação de tal forma incisiva que, mesmo depois de extinta na paisagem, é a imagem que ainda hoje permanece nítida na memória coletiva e que (absurdamente) é fomentada pelo turismo.

Na verdade, as herdades em que foram edificados os assentos de lavoura que estudámos já geriam grandes sistemas agrários antes do final do século XIX. Facilmente se percebe que, ao longo da história, cada monte se foi completando de forma a responder às alterações que lhe eram impostas. Transtemporal à memória da paisagem e porque enquanto forma de habitar, extremamente plástica, concorda com as dinâmicas comandadas sobretudo por questões de natureza económica, o monte vai contendo nele, numa só materialidade (enquanto lugar, espaço e matéria) vários ‘tempos’ que convivem juntos.

Curiosamente, na área por onde a invasão e a intensificação da produção do trigo ocorreu, impondo uma simplificação ímpar na paisagem agrária e nos seus processos, o monte moderniza-se, complexifica-se e adjetiva-se. (ver fig. 5) Enquanto estrutura espacial,

¹¹ Ver Mestre, V. (2007). O monte alentejano, uma identidade de raízes ancestrais: contributos para o seu conhecimento e permanência. In M. Lança (Ed.). *Olhar o monte alentejano a pretexto do alqueva*. Beja: Edia/Museu da Luz.

social e ideológica, metamorfoseia-se e evolui numa sofisticação funcional que decorre das riquezas do ciclo do pão. (ver fig. 6 e 7)



10

Figura 5 – monte/assento de lavoura. Representação gráfica da complexificação do conjunto edificado e da perda de diversidade no padrão das práticas agrícolas.

Veja-se a adição de volumes, o enfatizar de axialidades ou a construção de torreões¹² com que alguns assentos de Lavora – muito à semelhança das torres solarengas - se adjetivam para se assomarem à paisagem. (ver fig. 6 a 8)

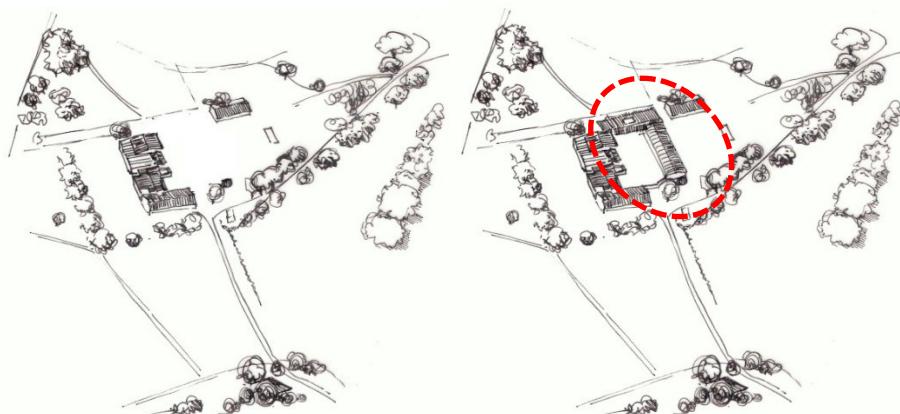


Figura 6 – A adição de volumes formando um pátio¹³. (Monte Branco da Serra)

¹² Diz-se que existe visibilidade entre montes - há registo mas não consenso de autores acerca de que de um monte se avistam outros – está dependente da densidade, da morfologia do terreno (ondulação) e do uso do solo (p. ex a presença de montado pode ocultar as relações visuais).

¹³ Teles, S. (2013). *Habitar a paisagem alentejana – a particularidade do monte*. Dissertação apresentada à Universidade de Évora para obtenção de Mestrado Integrado em Arquitectura. Évora. Portugal

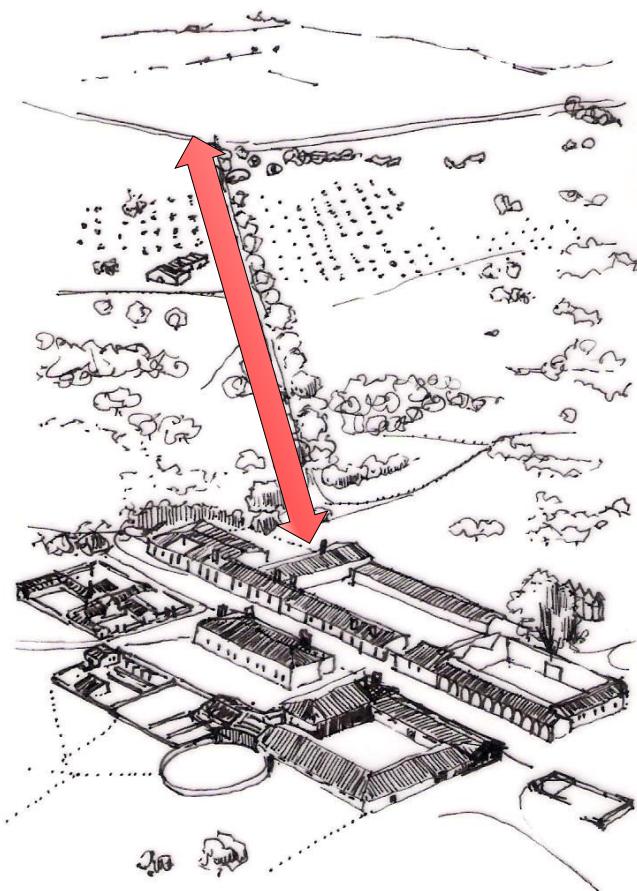


Figura 7 – Monte do Barrocal. Axialidade do acesso principal.

Eram construções de enorme imponência e de domínio sobre as terras de semeadura e seus trabalhadores. Um dos exemplos mais expressivos que encontrámos foi o Monte da Abegoaria, situado próximo de Mourão. Leia-se na aproximação fotográfica ao lugar de assentamento quão esmagador e imponente se apresenta:



Figura 8 – A grandiosidade do monte da Abegoaria é visível a partir da paisagem. Diferentes aproximações ao assentamento.

Na conjuntura do trigo verifica-se que numa realidade geograficamente limitada, o Monte se hierarquiza como valor identitário da “aristocracia” do trigo e assume arquitetonicamente um conjunto de transformações que determinam a sua alteração para assento de lavoura garantindo que ‘tinha’ nele o ‘poder’ de comandar os destinos das enormes herdades. A grande particularidade é que a ampliação do conjunto arquitetónico não acarretou a descaracterização do lugar, do símbolo do espaço de habitar daquela paisagem. Pelo contrário, sabiamente se enfatizaram as características do lugar de assentamento que, à escala da paisagem, continuava a ser um pequeno ponto, isolado. Os montes, ampliados fisicamente, aceitaram aquela temporalidade como uma imposição que não tinham forma de negar sem deixar anular a sua essência. Provaram que têm a capacidade de encontrar novos equilíbrios, de perpetuar o seu cerne e de manter íntegro o seu desenho porque possuem uma força central que torna atemporal a memória da paisagem.

1. Conclusão

13

A ‘inóspita’ paisagem do Alentejo, que todos os dias se ‘vazia’, tem ancorados em si, “discretos” e “invisíveis”, valores históricos e estéticos, representativos de uma arquitetura vernacular, e que tão bem plasmam a forma de habitar o espaço rural de uma estrutura fundiária tão distendida. Essas estruturas, atemporais, que de forma resiliente demonstraram capacidade de reagir às mais distintas adversidades estão disponíveis na paisagem para dirigir novas resignificações e assegurar (visual e conceptualmente) uma continuidade na herança da própria paisagem.

São pontos da paisagem agrícola, ordenados racionalmente, e servem-nos de referência para descodificar a paisagem espaço-temporalmente. São relevantes na formação cultural histórica e geográfica do Alentejo e testemunham uma relação que está sobejamente contextualizada na literatura com referências espaciais, históricas e socioculturais.

Porque são pontos de amarração da memória, lugares de reencontro da paisagem com a sua memória, acreditamos que sempre que esta for transformada eles terão a capacidade de perpetuar a sua memória - tal como o garantiram face ao quadro temporal expressivo da Lei do Trigo que impôs enormes alterações estruturais e desequilíbrios ecológicos à paisagem. E é também por essa capacidade — diria até esse poder — que os montes se constituem símbolos de grande relevância para o património do Alentejo e devem continuar a servir de referência à ação humana. São património essencial para a memória e história da região porque, independentemente de todas as experiências a que a paisagem foi exposta, eles não deixaram de ser os lugares de referência da identidade daquela paisagem.

Os Montes estão implantados precisamente onde são essenciais à vida na paisagem do Alentejo. Na sua plasticidade e multifuncionalidade, devem ser reabilitados e garantir que a partir que sustentam as transformações dos agro-sistemas que estão em curso na paisagem do Alentejo. O turismo tem lançado âncoras naqueles valores patrimoniais e tem explorado novas formas de experienciar a paisagem pelo que é fundamental enraizar o conhecimento, promover a afetividade e procurar compreender os pormenores tangíveis

que estes lugares encerram de forma a que a sua reutilização não comprometa a continuidade da memória da paisagem nem o significado destes lugares. Esse objetivo será alcançável se se proteger a refuncionalidade do passado rural e se forem corretamente implementadas na paisagem “ações de conservação ou manutenção dos seus traços significativos e/ou característicos”, tal como o aconselha a Convenção Europeia da Paisagem.

14

Assim consideramos que qualquer política que oriente uma intervenção naquela paisagem não se deve alhear da interpretação da paisagem de forma a desmistificar estereótipos e imagens que alimentaram, e alimentam o desenho e a estrutura que nela subsiste.

Consideramos ainda que os Montes Alentejanos são merecedores de um reconhecimento patrimonial e identitário e defendemos que, à semelhança de outras paisagens agrícolas, deveria ser estudada a sua classificação.

Referências Bibliográficas

Cancela d'Abreu A., Pinto Correia T., & Oliveira R. 2004 Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal Continental (Vol. 1). (Lisboa: Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano (DGOTDU)).

15

Capela e Silva, A. (2007). Memórias Alentejanas. (2007). M. Lança (Ed.). *Olhar o monte alentejano a pretexto do Alqueva*. Beja: Edia/Museu da Luz.

Convenção Europeia da Paisagem 2005 Decreto n. 4, de 14 de Fevereiro de 2005.

Lança, M. (Ed.). (2007). *Olhar o monte alentejano a pretexto do Alqueva*. Beja: Edia/Museu da Luz.

Mestre, V. (2007). O monte alentejano, uma identidade de raízes ancestrais: contributos para o seu conhecimento e permanência. In M. Lança (Ed.). *Olhar o monte alentejano a pretexto do alqueva*. Beja: Edia/Museu da Luz.

Pinto, J. (2007). *Arquitetura da planície, cinco situações de montes no Alentejo*. Lisboa: Edições ACD+FAUTL.

Reis, J. 1979 A «Lei da Fome»: as origens do proteccionismo cerealífero - 1889-1914 (Análise Social: vol. XV, 4º, 745-793).

Silbert, A. 1978 Le Portugal Méditerranéen à la Fin de l'Ancien Régime: XVIII. - début XIX. Siècle. Contribution à l'histoire agraire comparée. (Vol. 3, ed. 2ª). (Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica).

Silva, C. (1947). *Habitação rural. Províncias do Alto alentejo e Baixo alentejo (Ensaio)*. Relatório final do curso de agronomia. ISA da UNL. Lisboa. Portugal.

Simões, Paula 2015 Guardiões da paisagem: os montes alentejanos. Lugares de memória (Universidade de Évora, <http://hdl.handle.net/10174/17365>).

Teles, S. (2013). *Habitar a paisagem alentejana – a particularidade do monte*. Dissertação apresentada à Universidade de Évora para obtenção de Mestrado Integrado em Arquitectura. Évora. Portugal.

Vacas, M. (1944). *Aspectos antropogeográficos do alentejo*. Lisboa: Edições Colibri.

